

1º lugar na lista de best-sellers do *New York Times*



ROBERT BEATTY

SERAFINA E A CAPA PRETA

LIVRO 1



valentina



SERAFINA
E A CAPA PRETA



Tradução
Maria Carmelita Dias



ROBERT BEATTY

SERAFINA E A CAPA PRETA

LIVRO 1



valentina 

Rio de Janeiro, 2018

1ª Edição

Copyright © 2015 by Robert Beatty

TÍTULO ORIGINAL
Serafina and the Black Cloak

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Alexander Jansson

CAPA ORIGINAL
Maria Elias

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Raul Fernandes

DIAGRAMAÇÃO
Kátia Regina Silva

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2018

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B351s

Beatty, Robert

Serafina e a capa preta/Robert Beatty; tradução Maria Carmelita Dias. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Valentina, 2018.

240p. ; 23 cm. (Serafina; 1)

Tradução de: Serafina and the black cloak

ISBN 978-85-5889-058-8

1. Ficção infantojuvenil americana. I. Dias, Maria Carmelita. II. Título. III. Série.

17-45105

CDD: 028.5
CDU: 087.5

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravaleentina.com.br

Para minha esposa, Jennifer,
que ajudou a moldar esta história desde o início,

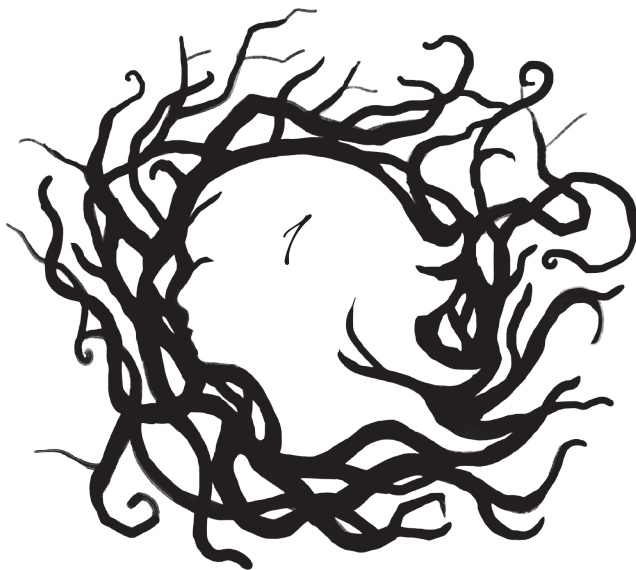
e para nossas filhas
– Camille, Genevieve e Elizabeth –,
que sempre serão nossa primeira e
principal plateia.



Mansão Biltmore

Asheville, Carolina do Norte

1899



Serafina abriu os olhos e examinou a oficina em meio à penumbra, à procura de qualquer rato estúpido o suficiente para invadir seu território enquanto ela dormia. Sabia que os ratos estavam lá, no ponto exato em que o alcance de sua visão noturna terminava, rastejando pelas rachaduras e sombras do espaçoso porão da casa, ávidos para roubar o que fosse possível das cozinhas e despensas. Ela havia passado a maior parte do dia cochilando em seus locais secretos favoritos, mas era ali, encolhida no colchão velho atrás do aquecedor enferrujado, na proteção da oficina, que se sentia mais à vontade. Martelos, chaves inglesas e engrenagens pendiam das toscas vigas, e o familiar cheiro de óleo de máquina inundava o ar. Seu primeiro pensamento, ao olhar em torno e aguçar os ouvidos na escuridão penetrante, foi o de que aquela parecia uma boa noite para caçar.

O pai de Serafina, que havia trabalhado na construção da Mansão Biltmore e desde então morava sem permissão no porão, estava dormindo no catre que ele construía em segredo por trás das estantes de suprimentos. O carvão reluzia no velho barril de metal onde, algumas horas antes, ele cozinhara o

jantar deles, frango com polenta. Costumavam comer aconchegados em volta do fogo para se aquecerem. Como sempre, ela havia comido o frango e dispensado a polenta.

– Coma o jantar – havia resmungado o pai.

– Já comi – ela havia respondido, pousando o prato de metal pela metade.

– Todo... – ele empurrou o prato na direção dela – ou então você nunca vai ficar maior que um leitãozinho.

O pai a comparava a um porquinho magro quando queria provocá-la, imaginando que ela ficaria tão brava com ele que engoliria aquela polenta asquerosa, mesmo sem vontade.

– Não vou comer a polenta, Pa – avisou Serafina, com um leve sorriso –, não importa quantas vezes você ponha esse prato na minha frente.

– Não é nada de mais, só milho moído, garota – disse ele, subindo o tom e atizando o fogo com uma vara só para arrumar as outras varas do jeito que queria. – Todo mundo, todo mundo mesmo, gosta de polenta, só você que não.

– Pa, você bem sabe que eu não consigo engolir nada verde ou amarelo ou nojento feito essa polenta, então pare de gritar comigo.

– Se eu gritasse de verdade, você ia saber logo – disse ele, empurrando a vareta no fogo.

Aos poucos, os dois foram se esquecendo da polenta e acabaram mudando de assunto.

Pensar no jantar com o pai fazia Serafina sorrir. Ela não conseguia pensar em quase nada no mundo – a não ser, talvez, dormir no calor de uma das pequenas janelas do porão banhadas pelo sol – que fosse melhor do que um papo bem-humorado com o pai.

Tendo o cuidado de não acordá-lo, ela deslizou do colchão, atravessou o áspero chão de pedra do porão e sorrateiramente entrou no corredor em curva. Enquanto ainda esfregava os olhos para espantar o sono e espreguiçava os braços e as pernas, Serafina não conseguia deixar de sentir um toque de euforia. A fascinante sensação de iniciar uma noite novinha em folha formigava no seu corpo. Ela sentia os músculos e sentidos se avivarem, como se fosse uma coruja movendo as asas e flexionando as garras antes de voar para uma caçada fantasmagórica.

Movimentando-se em silêncio na escuridão, passou pela lavanderia, a despensa e a cozinha. O porão tinha fervilhado de criados o dia todo, mas agora os cômodos estavam vazios e escuros, exatamente da forma como ela gostava. Sabia que os Vanderbilt e os seus muitos hóspedes dormiam no segundo e no terceiro andares, acima dela, mas aqui embaixo tudo estava calmo. Ela adorava vaguear pelos infindáveis corredores e depósitos sombrios. Conhecía o toque e a sensação, o brilho e a escuridão de cada recanto e de cada fresta. À noite, esse domínio era *dela*, e somente dela.

Serafina ouviu um ligeiro rastejar. A noite começava rapidamente.

Ela parou. Escutou.

Duas portas além, pequeninos pés se arrastaram no chão.

Ela avançou lentamente junto à parede.

Quando o som parou, ela também parou. Quando o som recomeçou, ela avançou mais um pouco. Era uma técnica que havia aprendido sozinha aos sete anos de idade: mover-se quando se movem; ficar imóvel quando ficam imóveis.

Naquele momento ela conseguia ouvir as criaturas respirando, e o barulho tanto das unhas arranhando a pedra quanto das caudas se arrastando. Ela sentiu o conhecido tremor nos dedos das mãos e a tensão nas pernas.

Deslizou pela porta semiaberta até o depósito e as avistou na escuridão: duas imensas ratazanas, cobertas de pelo castanho engordurado, haviam se esgueirado para o chão, uma de cada vez, descendo pelo cano de esgoto. As intrusas eram obviamente recém-chegadas, à caça de baratas por pura estupidez, pois poderiam estar se fartando com o creme dos doces frescos poucos metros adiante no corredor.

Sem emitir um som ou mesmo agitar o ar, Serafina se aproximou furtiva e lentamente das criaturas. Olhos fixos nelas. Os ouvidos captavam qualquer ruído que produzissem. Ela conseguia até sentir o seu abominável fedor de esgoto. Durante todo o tempo, as ratazanas continuaram com seu trabalho nojento de roedores, sem fazer ideia de que Serafina estava ali.

Ela parou apenas alguns metros atrás das duas, encoberta pela escuridão de uma sombra, pronta para dar o bote. Aquele era o momento que ela adorava,

o momento imediatamente anterior ao golpe. Seu corpo balançou sutilmente para a frente e para trás, ajustando o ângulo de ataque. E então ela se lançou. Em um movimento rápido, explosivo, agarrou, com as mãos nuas, os bichos que gritavam alto e se contorciam.

– Peguei vocês, seus vermes miseráveis! – rosnou ela.

A ratazana menor se contorcia de puro pavor, desesperada para fugir, mas a maior se enroscou para o outro lado e mordeu a mão de Serafina.

– Nem pensar! – exclamou a garota com os dentes cerrados, prendendo o pescoço da pequena fera com desprezo entre o indicador e o polegar.

As duas se contorciam furiosamente, mas ela as segurava com firmeza e não as deixava escapar. Havia demorado algum tempo para aprender essa lição quando era mais nova: Uma vez agarrado o animal, era preciso segurá-lo com força e mantê-lo apertado, a despeito do que acontecesse, mesmo que as garrinhas a arranhassem e a cauda escamosa se dobrasse em torno da mão como uma espécie de cobra cinza nojenta.

Finalmente, após diversos segundos de luta inglória, as extenuadas ratazanas perceberam que não conseguiriam fugir. Ficaram quietas e a encararam desconfiadas com seus olhinhos pretos e redondos. Os pequenos focinhos ranhosos e os bigodes perversamente longos vibravam de medo. A criatura que a havia mordido enroscou lentamente a cauda escamosa e comprida em torno do seu punho, dando duas voltas, procurando uma nova oportunidade para se libertar.

– Nem tente – avisou ela. Ainda sangrando por causa da dentada, Serafina não estava com a mínima disposição para artimanhas. Já havia sido mordida antes, e não gostara nada daquilo.

Carregando os bichos nojentos bem apertados nas mãos, ela os levou pelo corredor. Era uma sensação boa capturar dois ratos antes da meia-noite, e esses dois eram particularmente mal-encarados, capazes de roer um saco de aniagem para encher a pança de cereal, ou jogar ovos da prateleira para lambem a porcaria no chão.

Ela subiu a velha escada de pedra que dava para o exterior, e depois atravessou todo o terreno da propriedade, sob a luz da lua, até a beira da floresta. Lá, arremessou os bichos nas folhagens.

– Agora, vão embora daqui, pra nunca mais voltarem!!! – gritou. – Não serei tão boazinha da próxima vez!

As ratazanas saíram desarvoradas cruzando o solo da floresta com a força do arremesso, e depois pararam tremendo, esperando o golpe fatal. Como ele não veio, ambas se viraram e a olharam, espantadas.

– Se mandem antes que eu mude de ideia – avisou ela.

Sem mais nenhuma hesitação, as ratazanas saíram em disparada pela vegetação rasteira.

Houve uma época em que os ratos que Serafina capturava não tinham tanta sorte, quando ela deixava seus corpos perto da cama do pai só para mostrar-lhe o resultado de uma noite de trabalho. Porém, fazia séculos que não agia mais assim.

Desde criança, ela estudava os homens e as mulheres que trabalhavam no porão; assim, sabia que cada um tinha uma tarefa específica. Ficava a cargo do pai a responsabilidade de consertar os elevadores – de pessoas, de carga e de louças e talheres –, as engrenagens das janelas, os sistemas de aquecimento a vapor e todas as outras geringonças mecânicas das quais dependia a mansão de duzentos e cinquenta cômodos. Ele até garantia que o órgão no Grande Salão de Banquetes funcionasse adequadamente para os bailes refinados do Sr. e da Sra. Vanderbilt. Além do pai, havia cozinheiros, ajudantes de cozinha, responsáveis pelo suprimento de carvão, limpadores de chaminés, lavadeiras, confeitários, arrumadeiras, lacaios e inúmeros outros empregados.

Quando Serafina fez dez anos, perguntara:

– Eu vou ter um serviço aqui como todo mundo, Pa?

– Você já tem – respondera ele, mas ela suspeitara que não fosse verdade. Ele simplesmente não queria magoar os sentimentos da filha.

– E qual é? Qual é o meu serviço? – ela o pressionara.

– Pra falar a verdade, é um cargo muito, mas muito importante por aqui, e não tem ninguém que faça isso melhor que você, Sera.

– Me diz, Pa. Qual é?

– Acho que você é a C.O.R. da Mansão Biltmore.

– O que que é isso? – perguntara ela, entusiasmada.

– Você é a Caçadora Oficial de Ratos – respondera ele.

Qualquer que fosse o efeito pretendido com aquelas palavras, elas se engrandeceram na mente de Serafina. Mesmo agora, dois anos mais tarde, ela se lembrava de como seu peito havia se estufado e de como havia sorrido de orgulho ao ouvi-lo pronunciar essas palavras: Caçadora Oficial de Ratos. Gostara do som das palavras. Todo mundo sabia que os roedores eram um grande problema em um lugar como Biltmore, com todos aqueles galpões e estantes e celeiros e papelarias. E era verdade que ela havia demonstrado um talento inato para agarrar os astutos vermes de quatro patas, infectados de doenças, ladrões de comida, emporcalhadores de ambientes, que tanto enganavam os adultos e seus venenos e armadilhas toscas. A captura dos camundongos, tímidos e propensos a erros provocados pelo pânico nos momentos cruciais, não representava mistério algum para ela. Eram as ratazanas que a faziam passar maus bocados toda noite, e era para as ratazanas que ela tinha afiado suas habilidades. Estava agora com doze anos de idade. E era exatamente isto: Serafina, a C.O.R.

Porém, enquanto observava os dois bichos se embrenharem na floresta, um estranho e forte sentimento a invadiu. Ela quis segui-los. Queria ver o que eles viam por baixo das folhas e dos gravetos, queria explorar as pedras e os fossos, os córregos e as maravilhas naturais. Mas o pai havia proibido.

– Nunca entre na floresta – ele tinha avisado uma porção de vezes. – Lá dentro tem cada força sombria que ninguém entende, umas coisas sobrenaturais que podem te fazer um mal danado.

Ela ficou imóvel na beira da floresta e olhou o máximo que conseguiu, para além das árvores. Durante anos escutara histórias de pessoas que haviam se perdido na floresta para nunca mais voltarem. Ficou imaginando que perigos estariam espreitando. Seria magia negra, demônios ou algum tipo de fera horripilante? Do que o pai tinha tanto medo?

Ela podia questioná-lo sobre todo tipo de coisas, só por prazer – coisas como se recusar a comer a polenta, dormir o dia todo e caçar de noite, e espiar os Vanderbilt e os convidados deles –, mas nunca discutia sobre penetrar as profundezas da floresta. Imaginava que, quando ele dava aqueles avisos, falava tão sério quanto a falecida mãe. Detestava tomar bronca, ser repreendida toda hora e precisar se esconder pelos cantos, mas, às vezes, era preciso ficar em silêncio e obedecer, porque era uma boa maneira de continuar viva.

Sentindo-se estranhamente solitária, ela deu meia-volta e olhou para a propriedade. A lua pairava acima dos telhados de ardósia inclinados da casa e se refletia nos painéis de vidro que formavam a abóbada sobre o Jardim de Inverno. As estrelas cintilavam sobre as montanhas. A grama e as árvores e as flores dos lindos jardins decorados brilhavam à luz da meia-noite. Um passarinho solitário, pousado em uma magnólia, cantou sua melodia noturna, e os filhotes de beija-flor, enfiados em seu pequenino ninho no meio da trepadeira glicínia, remexeram-se em seu sono.

Mas seu ânimo se elevou um pouco ao pensar que o pai havia ajudado a construir tudo aquilo. Ele havia sido um dentre centenas de pedreiros, entalhadores e outros artesãos que, das montanhas circundantes, vieram para Asheville, anos atrás, para construir a Mansão Biltmore. Ele havia permanecido para cuidar da maquinaria. Porém, quando os outros empregados que trabalhavam no porão voltavam para casa e para suas famílias toda noite, ele e Serafina se escondiam entre os canos de aquecimento e as ferramentas de metal na oficina, como passageiros clandestinos na sala de máquinas de um grande navio. A verdade era que não tinham para onde ir, tampouco um parente para recebê-los. Sempre que Serafina perguntava sobre a mãe, o pai se recusava a falar no assunto. Então, não havia ninguém mais além dos dois, e os dois haviam feito do porão seu lar desde que ela conseguia se lembrar.

– Por que é que nós não moramos nos quartos dos criados ou na cidade, como os outros empregados, Pa? – ela havia perguntado várias vezes.

– Isso não é da sua conta – ele resmungava em resposta.

Com o passar dos anos, o pai lhe havia ensinado a ler e a escrever muito bem, e lhe contava um monte de histórias sobre o mundo, mas nunca se mostrava muito desejoso de falar dos assuntos sobre os quais ela queria conversar: o que ele sentia no mais íntimo do seu coração, e o que havia acontecido com a mãe dela, e por que ela não tinha irmãos, e por que ela e o pai não tinham amigos que viessem visitá-los. Às vezes, ela queria estar dentro dele para sacudir tudo e ver o que aconteceria, mas a maior parte do tempo o pai dormia a noite inteira e trabalhava o dia inteiro, e preparava o jantar de noite, e contava histórias, e eles levavam uma vida bem boa, e ela não o sacudia porque sabia

Serafina e a Capa Preta

que ele não queria ser sacudido, e então Serafina deixava as coisas como estavam.

De noite, quando todo mundo na casa ia dormir, ela se esgueirava para o andar de cima e apanhava livros para ler à luz do luar. Por acaso, tinha ouvido o mordomo se gabar para um visitante, um escritor, que o Sr. Vanderbilt havia adquirido vinte e dois mil livros, sendo que apenas a metade cabia na Biblioteca. Os outros estavam guardados em mesas e estantes espalhadas pela casa toda, e, para Serafina, esses livros eram como frutas silvestres prontas para serem colhidas, tentadoras demais para resistir. Ninguém parecia notar quando um livro sumia e voltava para o lugar alguns dias depois.

Ela tinha lido sobre as grandes batalhas entre os estados, com as bandeiras esfarrapadas tremulando, e também sobre feras de ferro cuspidoras de fumaça que atropelavam as pessoas aqui e acolá. Queria entrar escondida no cemitério à noite com Tom Sawyer e Huckleberry Finn, e naufragar com a Família Robinson. Certas noites, ansiava por ser uma das quatro irmãs, com a mãe amorosa, de *Adoráveis mulheres*. Em outras, ela se imaginava encontrando o fantasma do cavaleiro sem cabeça ou ouvindo bater, bater, bater à porta o corvo negro de Poe. Gostava de contar ao pai acerca dos livros que lia, e frequentemente inventava ela mesma histórias, recheadas de amigos imaginários e famílias estranhas e assombrações, mas ele nunca estava interessado nos seus contos de fantasia e medo. Era um homem sensato demais para aquilo tudo e não gostava de acreditar em nada que não fosse tijolo e parafuso e coisa sólida.

Cada vez mais ela ficava imaginando o que seria ter algum tipo de amigo secreto, alguém de cuja existência seu pai não soubesse, alguém com quem ela pudesse conversar sobre um monte de coisas, mas não costumava encontrar muitas crianças da sua idade se esgueirando pelo porão na calada da noite.

Alguns dos ajudantes de cozinha subalternos e dos operadores de caldeiras que trabalhavam no porão e iam para casa à noite já tinham flagrado Serafina correndo por aqui e por ali, e sabiam vagamente quem ela era, mas as arrumadeiras e os empregados que trabalhavam nos andares principais, não. E, sem dúvida, o dono e a dona da casa não sabiam que ela existia.

— Os Vanderbilt são boa gente, Sera — dissera-lhe o pai —, mas não o *nosso* tipo de gente. Você fique afastada quando eles aparecerem. Nunca deixe

ninguém dar uma olhada de verdade em você. E, aconteça o que acontecer, não conta pra ninguém o seu nome ou quem você é. Tá me escutando?

Serafina *estava* escutando. Muitíssimo bem. Conseguia até ouvir um rato mudar de ideia. No entanto, não sabia exatamente por que ela e o pai viviam daquela maneira. Não sabia por que o pai a afastava do mundo, por que sentia vergonha dela, mas tinha certeza de uma coisa: ela o amava do fundo do seu coração, e a última coisa que queria fazer era trazer problemas para ele.

Assim, Serafina tinha se tornado especialista em se movimentar sem que ninguém percebesse, não apenas para caçar os ratos, mas também para evitar as pessoas. Quando se sentia particularmente corajosa ou solitária, disparava para os andares de cima, pelo ir e vir daquele pessoal cintilante. Andava furtivamente, se esgueirava e se escondia. Era miúda para a idade e tinha os pés leves. As sombras eram suas amigas. Espionava os convidados vestidos para o baile à fantasia quando chegavam em suas esplêndidas carruagens puxadas a cavalo. Ninguém nos andares superiores a via se escondendo embaixo da cama ou por trás das cortinas. Ninguém reparava nela no fundo de um armário quando penduravam os casacos. Quando as damas e os cavalheiros saíam para passear pelo terreno, ela se ocultava bem perto deles sem que soubessem, e escutava tudo o que diziam. Ela adorava ver as jovens moças em seus vestidos azuis e amarelos com fitas esvoaçantes nos cabelos, e corria ao lado delas quando atravessavam o jardim fazendo farra. Quando as crianças brincavam de esconde-esconde, nunca percebiam que havia mais uma participante. Às vezes, ela até via o Sr. e a Sra. Vanderbilt caminhando de braços dados, ou via o sobrinho deles, de doze anos, cavalgando pelo terreno com seu cão preto reluzente correndo ao lado.

Ela os observava a todos, mas nenhum deles jamais a via – nem mesmo o cachorro. Ultimamente vinha imaginando o que exatamente aconteceria se alguém a visse. E se o garoto a visse de relance? O que ela faria? E se o cão a perseguisse? Será que ela conseguiria subir em uma árvore a tempo? Às vezes gostava de imaginar o que diria se encontrasse a Sra. Vanderbilt cara a cara. *Olá, Sra. V. Eu caço os ratos para a senhora. A senhora prefere que eu mate ou apenas enxote?* Às vezes ela sonhava em usar vestidos vistosos e fitas nos cabelos e sapatos lustrosos. E às vezes, mas só às vezes, desejava não apenas ouvir as

Serafina e a Capa Preta

peessoas ao redor em segredo, mas também falar com elas. Não apenas vê-las, mas também *ser vista*.

Enquanto caminhava pelo gramado aberto, à luz do luar, de volta para a casa principal, ficava imaginando o que aconteceria se um dos convidados, ou talvez o jovem amo no seu quarto no segundo andar, por acaso acordasse, olhasse pela janela e visse uma menina misteriosa caminhando sozinha na noite.

O pai nunca falava disso, mas ela sabia que não tinha exatamente uma aparência normal. Seu corpo era pequeno e magro, nada além de músculos, ossos e tendões.

Serafina não tinha um vestido sequer, então usava uma das camisas velhas de trabalhar do pai, amarrada na cintura com um pedaço de corda – um barbante rústico, na verdade – que havia descoberto fuçando a oficina. Ele não comprava roupa para ela porque não queria que as pessoas da cidade fizessem perguntas e comesçassem a se intrometer; bisbilhotice era uma coisa que ele nunca conseguira suportar.

Seus longos cabelos não eram de uma cor só como o de gente normal, mas de variados tons de dourado e castanho. O rosto tinha uma angulosidade peculiar e os olhos eram grandes, de um âmbar uniforme. Ela possuía uma invejável visão noturna. Mesmo as suas silenciosas habilidades de caça não eram exatamente normais. Todas as pessoas com quem já havia se encontrado, principalmente o pai, faziam tanto barulho quando caminhavam que era como se fossem um daqueles enormes cavalos de tração belgas que puxavam os equipamentos de fazenda nos campos do Sr. Vanderbilt.

E aquilo tudo a fazia imaginar, olhando para as janelas da imensa casa. Com o que sonhariam as pessoas que dormiam naqueles quartos, com seus cabelos de uma cor só, e os narizes longos e pontudos, e os corpos largos, deitadas em suas camas macias, na gloriosa escuridão da noite? O que almejavam? O que os fazia pular de alegria? O que sentiam por dentro? Quando jantavam à noite, as crianças comiam a polenta ou somente o frango?

Quando deslizou escada abaixo, voltando para o porão, ela ouviu algo em um corredor distante. Parou e escutou, mas não conseguiu perceber direito. Não era um rato. Quanto a isso, tinha certeza. Algo muito maior. Mas o quê?

Curiosa, dirigiu-se para o local de onde vinha o som.

Passou pela oficina do pai, a cozinha e os outros cômodos que conhecia bem, até as áreas mais profundas onde caçava com menos frequência. Ouviu portas se fechando, depois passos e ruídos abafados. O coração começou a acelerar. Alguém estava caminhando pelos corredores do porão. O porão *dela*.

Aproximou-se mais.

Não era o empregado que recolhia o lixo toda noite, nem um dos lacaios providenciando um lanche noturno para um convidado – ela conhecia bem o som de suas passadas. Certas vezes, o garoto de onze anos que ajudava o mordomo parava no corredor e devorava alguns biscoitos da bandeja de prata que seu chefe tinha mandado que ele recolhesse. Ela costumava se postar num ponto bem próximo a ele no escuro e fingir que eram amigos simplesmente conversando e desfrutando a companhia um do outro por um tempo. Em seguida, o garoto limpava o açúcar de confeitiro dos lábios e ia embora, correndo pelas escadas para compensar os minutos que havia perdido. Mas agora não era ele.

Fosse quem fosse, parecia calçar sapatos de sola grossa – sapatos *caros*. Porém, um cavalheiro propriamente dito não tinha motivo algum para descer até aquela área da casa. Por que estaria vagueando pelas passagens escuras no meio da noite?

Cada vez mais curiosa, ela seguiu o estranho, tomando o cuidado de evitar ser vista. Sempre que furtivamente se aproximava demais, quase a ponto de vê-lo, tudo o que conseguia distinguir era a sombra de uma silhueta alta carregando um lampião de chama fraca. E havia outra sombra lá também, alguém ou algo com ele, mas ela não ousava esgueirar-se para mais perto a fim de ver quem ou o que era.

O porão era espaçoso, com muitos corredores, níveis e cômodos diferentes, construído no declive do terreno atrás da casa. Algumas áreas, como as cozinhas e a lavanderia, tinham janelas e paredes de gesso liso. Os cômodos exibiam um acabamento simples, mas eram limpos e livres de umidade, apropriados para o trabalho diário dos empregados. Os limites mais distantes da estrutura de suporte penetravam profundamente nas tocas úmidas e terrosas da sólida fundação da casa. Aqui a argamassa escura, endurecida, escoava dos

espaços entre os blocos de pedra grosseiramente entalhados que formavam as paredes e o teto, e ela quase nunca ia até lá porque era frio, sujo e abafado.

De repente, os passos mudaram de direção. Aproximavam-se dela. Cinco ratos gritando esganiçadamente vieram em disparada do corredor adiante do som dos passos, mais aterrorizados do que qualquer outro roedor que ela jamais tivesse visto. Aranhas rastejaram para fora das fendas. Baratas e lacraias surgiram do chão de terra. Perplexa com o que presenciava, Serafina prendeu a respiração e pressionou o corpo contra a parede, paralisada de medo como um filhotinho de coelho tremendo sob a sombra de um falcão.

À medida que o homem caminhava em sua direção, Serafina também passou a escutar outro som. Era uma agitação de pés se arrastando, como os de uma pessoa baixa – pés calçando chinelos, talvez uma criança. Havia algo errado. Os pés da criança estavam raspando na pedra, às vezes deslizando... a criança era aleijada... não... a criança estava sendo *arrastada*.

– Não, senhor! Por favor! Não! – A menina chorava, a voz trêmula de desespero. – Nós não temos permissão para nos deslocar até aqui. – A menina falava como se houvesse sido criada em uma família abastada, alguém que frequentava uma escola cara.

– Não se preocupe. É aqui mesmo que nós vamos... – disse o homem, parando diante da porta que ficava logo ao dobrar a esquina do ponto onde estava Serafina. Agora ela podia ouvir a respiração dele, o movimento de suas mãos e o farfalhar das roupas. Fagulhas a queimavam por dentro. Ela queria correr, fugir, mas suas pernas não obedeciam.

– Não precisa ter medo de nada, menina – ele disse para a criança. – Não vou machucar você...

A forma como pronunciou essas palavras fez os pelos da nuca de Serafina se eriçarem. *Não vá com ele*, pensou. *Não vá!*

A voz da menina indicava que devia ser apenas um pouco mais nova do que ela, e Serafina queria ajudá-la, mas não conseguia encontrar coragem. Pressionou novamente o corpo contra a parede, certa de que seria vista ou ouvida. Suas pernas tremiam, parecendo que iam se desintegrar. Não conseguiu ver o que aconteceu em seguida, mas de repente a menina soltou um grito de gelar o sangue. O som lancinante fez Serafina dar um pulo, e ela teve

que abafar o próprio grito. Houve uma disputa, um combate, e a menina se desgarrou do homem e fugiu pelo corredor.

Corra, menina! Corra!, pensou Serafina.

As passadas do homem foram morrendo a distância à medida que ia no encaixo da menina. Dava para Serafina perceber que ele não estava correndo a toda, mas avançando firme e implacavelmente, como se soubesse que a criança não conseguiria escapar. O pai de Serafina lhe havia contado como os lobos-vermelhos caçavam e matavam veados nas montanhas – com uma perseverança obstinada em vez de explosões de velocidade.

Serafina não sabia o que fazer. Será que deveria se esconder num canto escuro e torcer para ele não a encontrar? Será que deveria fugir como as aranhas e os ratos tomados de pavor enquanto ainda tinha chance? Queria correr de volta para o pai, mas e quanto à menina? A criança era totalmente indefesa, lenta e fraca, estava em pânico, e, acima de tudo, precisava de uma amiga para ajudá-la a lutar. Serafina queria ser essa amiga; queria ajudá-la, mas não conseguia sair do lugar.

Então, ouviu o grito da criança novamente. *Aquele rato sujo e miserável vai matar a menina*, pensou. *Vai matar a menina*.

Num ímpeto de fúria e coragem, correu em direção ao som. Os músculos de suas pernas queimavam. A mente ardia de medo e agitação. Ela virou esquina após esquina. Mas, quando chegou à musgosa escada de pedra que descia até as entranhas mais profundas do porão inferior, parou, arfando, e balançou a cabeça. Era um lugar horrível, frio, molhado, coberto de limo, que ela sempre fizera o máximo para evitar – principalmente no inverno. Havia escutado histórias de que armazenavam cadáveres nos porões inferiores no inverno, quando o solo estava congelado demais para se cavar uma cova. Por que razão a menina tinha descido até lá?

Serafina seguiu vacilante, descendo os degraus molhados e grudentos, levantando e sacudindo o pé após cada passada pegajosa. Quando finalmente chegou ao fundo, seguiu um longo corredor inclinado, onde do teto pingava uma lama escura. Todo aquele lugar desagradável e repulsivo a deixava nervosa, aterrorizada, mas ela prosseguiu.

Você tem que ajudar a menina, tornou a dizer para si mesma. *Não pode voltar agora*.

Serafina e a Capa Preta

Serpenteou por um labirinto de túneis que davam voltas e mais voltas. Virou à direita, depois à esquerda, de novo à esquerda, em seguida à direita até perder a noção de quanto se havia embrenhado. Então, ouviu o som de luta e gritos logo ao virar a esquina adiante. Estava muito perto.

Ela vacilou, amedrontada, o coração batendo tão forte que parecia que ia explodir. Seu corpo tremia todo. Não queria dar nem mais um passo, mas era preciso ajudar os amigos. Não sabia muito sobre a vida, mas disso ela sabia, com certeza absoluta, e não ia se acovardar e fugir como um pobre esquilo apavorado quando alguém tanto precisava dela. Tremendo sem parar, Serafina se controlou o melhor que pôde, inspirou profundamente e, de um ímpeto, dobrou a esquina.

Um lampião quebrado estava caído no chão de pedra, o vidro espatifado, mas seu lume ainda aceso. Em seu halo de luz vacilante, uma menina de vestido amarelo lutava para salvar a própria vida. Um homem alto, de capuz e capa preta, as mãos manchadas de sangue, agarrava-a pelos punhos.

A menina tentava se desvencilhar.

– Não! Me solte! – gritava ela.

– Quieta – o homem lhe dizia, a voz vibrando num tom sombrio, quase sobrenatural. – Não vou machucar você, menina – disse ele, pela segunda vez.

A menina tinha cabelo louro cacheado e a pele muito branca. Lutava para fugir, mas o homem da capa preta a trouxe para si e a envolveu nos braços. Ela se debateu e o acertou no rosto com os pequenos punhos.

– Fique parada, e tudo vai terminar logo – disse ele, puxando-a.

De repente, Serafina percebeu que cometera um erro terrível. Isso era muito mais do que qualquer coisa com que pudesse lidar. Ela sabia que devia ajudar a menina, mas sentia tanto medo que seus pés estavam grudados no chão. Mal conseguia respirar, que dirá lutar.

Ajude a menina!, a mente de Serafina gritava. *Ajude a menina! Ataque o rato! Ataque o rato!*

Finalmente recobrou a coragem e avançou, mas, justo naquele momento, a capa de cetim preto do homem esvoaçou, como se possuída por um espírito esfumaçado. A menina berrou. As dobras da capa a envolveram como os tentáculos de um polvo faminto. A capa parecia se mexer por vontade própria,

enroscando-se, contorcendo-se, acompanhada de um perturbador barulho de chocalho, como a ameaça sibilante de cem cascavéis. Serafina viu o rosto aterrorizado da pobrezinha a encarando de dentro das dobras da capa envolvente, os olhos azuis suplicantes arregalados de medo. *Me ajude! Me ajude!* Mas então o tecido se fechou sobre ela, o berro se transformou em silêncio e a menina desapareceu, não deixando mais nada além da escuridão da capa.

Serafina, em estado de choque, soltou uma exclamação. Em um instante, a menina lutava para se libertar, e no outro havia desaparecido como que por encanto. A capa a havia engolido. Arrebatada pela confusão, a aflição e o medo, Serafina simplesmente permaneceu no mesmo lugar, espantada e atordoadada.

Por vários segundos, o homem pareceu vibrar violentamente, e uma aura demoníaca brilhou em torno dele, em uma névoa escura e tremeluzente. Um fedor terrivelmente desagradável, de entranhas apodrecidas, invadiu as narinas de Serafina, forçando-a a jogar a cabeça para trás. Ela franziu o nariz e torceu a boca e tentou não inspirar e...

Ela deve ter emitido algum tipo de ruído involuntário, pois o homem da capa preta de repente se virou e a fitou, vendo-a pela primeira vez. Foi como se uma garra gigantesca se enterrasse em seu peito. As dobras do capuz do homem encobriam-lhe o rosto, mas ela podia ver que os olhos dele brilhavam com uma luz sobrenatural.

Ela permaneceu imóvel, completamente apavorada.

O homem sussurrou em uma voz áspera:

– Não vou machucar você, menina...